

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACTORIAL

J. MIMOSO MOREIRA
MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

▼ (TELEFONE 6580) ▼

Composta e impressa na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto

ULTRAMAR

ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

Após o encerramento do Certame

Por MARIO DE FIGUEIREDO

Encerrou-se na data previamente designada, a 30 de Setembro, — com a pontualidade de quem fixou a primeira leitura «uma carta para Garcia», — a Exposição Colonial, formosa e eloquente lição de história e de civismo, tão grande no seu significado e de tão elevado objectivo nos seus efeitos, que enche de legítimo orgulho todos os portugueses.

Grandioso acontecimento que interessou vivamente todo o País e também vários centros do estrangeiro e que movimentou, ainda, extraordinariamente a cidade do Porto, a Exposição Colonial foi, sob todos os seus variados aspectos, uma manifestação brilhantíssima e de notável contribuição prática para o culto, estudo, demonstração e propagação indispensáveis das Províncias ultramarinas portuguesas.

Não é ainda ocasião de se fazer o balanço rigoroso do seu empolgante movimento, da finalidade atingida e dos seus desejados efeitos.

Registe-se, no entanto, que o Certame não constituiu unicamente através da sua lição patriótica, esclarecida e convincente, exibida numa disposição primorosa, um documentário evocador dum glorioso Passado, afirmativo de actividades do Presente e indicador duma estrada serena condutora para vitorioso Futuro. Não se limitou a isso a sua acção.

Evidenciou outras modalidades de ordem espiritual, moral e social, que lhe criaram uma moldura harmoniosa e condigna.

Dando inteiro cumprimento à directriz traçada na sua concepção, a Exposição promoveu, dentro do seu carácter, interessantes e louváveis manifestações culturais. Editou obras de vulgarização educativa, que distribuiu largamente; realizou exposições de arte colonial; effectou conferências de finalidade histórica, económica e social, e levou a effecto Congressos, onde se ventilaram atentamente palpitantes problemas de máximo interesse para a defesa e o desenvolvimento dos nossos domínios ultramarinos.

Não foi esquecido o aspecto desportivo, marcado com a realização de atraentes provas de cultura física.

Dentro do seu recinto, a Exposição registou homenagens de organismos e entidades nacionais e estrangeiras à obra de Colonização dos portugueses, destacada com sacrificio, altruismo, inteligência e abnegação desde o período áureo das Descobertas e das Conquistas até aos nossos dias.

Pelo Palácio das Colónias desfilarão, organizadas em «paradas» de aprumada compostura, entidades e organismos de toda a condição social do País. Por lá passaram o Chefe do Estado e todos os membros do Governo e, ainda, visitantes estrangeiros ilustres como o Príncipe de Galles, o ministro da Marinha e interino dos Negócios Estrangeiros de Espanha, o ministro das Colónias da Bélgica, o general Sanjurjo, o director do «Tempo», de Paris, todo o corpo diplomático acreditado em Portugal, o devotado amigo dos portugueses Johan Voetelinck, as autoridades da Galiza, jornalistas de vários países, etc.

(Continua na 3.ª página)

Ecos do Congresso de Intercâmbio Comercial Cabo Verde na Exposição

Por MACHADO SALDANHA

ULTRAMAR arquiva nas suas colunas o brilhante e patriótico discurso proferido pelo ilustre advogado sr. dr. Alberto Pinheiro Tórres, activo secretário-geral dos Congressos, na sessão de encerramento daquelas reuniões, realizada em 17 de Setembro findo no Palácio da Bólsa.

Permiti, Senhoras e Senhores, que comece a minha alocução escrita para este Congresso, que erradamente pode parecer uma mera defesa de interesses materiais, com as palavras esplêndidas de Junqueiro, que vem como prefácio à «História da Colonização portuguesa no Brasil»: — a essência ideal que immortalizou as nossas descobertas, e fez, por um instante, na História do globo, dum punhado de marinheiros e cavadores, a maior pátria do mundo, a eleita do Eterno, a encarnação heróica do Divino...

Foi afinal, apesar do aparente materialismo dos nossos desígnios, com este pensamento, que define o génio da Raça e precisa a nossa vocação histórica, que nos reunimos aqui, no Congresso, que hoje se encerra, depois de três dias passados no estudo de alguns dos mais difíceis problemas económicos que, por igual, interessam à Metrópole e às Colónias.

Eu, que nada fiz — se pode dizer-se que nada fez quem aprendeu muito — posso afirmar jubilosamente que a competência, a in-

teligência, a probidade mental, e a dedicação cívica se deram as mãos para fazer do nosso Congresso uma notável manifestação técnica e intelectual.

Focaram-se os principais factores de que defende um intercâmbio comercial sólido e próspero: o crédito, as transferências, as pautas, os fretes, rigor na satisfação das encomendas, adaptação dos produtos às exigências dos mercados, propagação.

Se a Metrópole e as Colónias se entendessem não teríamos crise económica: — disse, entre aplausos calorosos o ilustre representante da Associação Comercial de Lourenço Marques, na pessoa do qual saúdo todos os nossos valerosos colonos do Ultramar, agentes magníficos da unidade do Império.

A discussão por vezes viva, nunca deixou de ser de fidalgas maneiras: foi elevada, foi sabia, foi profícua. E dela resultaram conclusões que representam directrizes para os governantes, a cujos talentos e patrióticos propósitos todos rendemos a devida homenagem.

(Continua na 2.ª página)



O sr. dr. Armindo Monteiro, ilustre ministro das Colónias, no momento de arrear a bandeira nacional, — acto solene e de impressionante simplicidade que marcou, com profunda emoção, o encerramento oficial da Exposição Colonial Portuguesa. Essa bandeira foi entregue pelo sr. dr. Armindo Monteiro ao sr. António de Oliveira Cálém, presidente da Comissão Organizadora da Exposição e presidente da Associação Comercial do Porto, que a guardará carinhosamente.

A Colónia de Cabo Verde fez, pela Exposição Colonial que acaba de ser encerrada, um notável esforço de propagação, cujos resultados ainda é difícil de fixar numa visão de futuro.

O detalhe desta realização foi, porém, inteiramente cumprido e se nem sempre tudo passou com aquela eficiência que na colónia se preconcebera — isto por na representação terem escasseado meios materiais — o que é certo é que a execução pretendeu amoldar-se às possibilidades e cumpriu.

Evidenciou-se amplamente que a população do arquipélago refere uma enorme vitória de colonização. O grupo étnico que Cabo Verde mandou à Exposição apresentou o colorido típico dum «povo bem português». A sua vida de relação aqui na capital do Norte nivelou-se bem e a-par dessa massa enorme de visitantes das aldeias de Portugal. Os caboverdeanos denotaram-se inteiramente os irmãos de Alén-Mar, pelos costumes e pelo sentimento. Assim, se o grupo étnico de Cabo Verde não trouxe ao Porto o espectacular de trajes berrantes e de costumes raros, patentou a vista da Metrópole a nota consoladora de que ali, em Cabo Verde, portugueses de ontem criaram portugueses de hoje — que são todos os naturais do arquipélago.

Os focadores da orquestra típica vibraram o sentimento ilhéu que anima a vida popular da Colónia e as raparigas da Boavista cantaram as «mornas» da saudade, da tristeza e do mar. E como o folclore caboverdeano exprime motivos culturais, foi possível realizar esse espectáculo indefinível de cor e de união que foi «A tarde de Cabo Verde».

Mas a representação viva da gente do arquipélago não veio ao Porto só a documentar o seu folclore característico. Os homens, na sua maior parte, são artifices hábeis e os trabalhos em tartaruga, dos sirqueiros, o fabrico de chapéus, de panos, etc. foram realizados perante os visitantes que anotaram desvanecidos mais esta curiosa nota. João da Mata, o artífice hábil da vida de Sal-Rei, apreciado pelos rendilhados de tartaruga que finalmente recordará, teve da Imprensa esta designação que se popularizou — o artista do Relicário.

Como nota desvanecedora, focou-se que dos naturais de Cabo Verde que vieram à Exposição, em número de dezanoos, apenas um era analfabeto. Já isto referia um nível apreciável de cultura média que se afirmou e elevou com a vinda ao Palácio das Colónias doutros seus contreráneos, alguns deles com destaque na vida nacional. O Engenheiro João Gomes da Fonseca veio pôr perante o país o problema do Porto Grande de S. Vicente espalhado através do relatório do anteprojecto de obras, de que é autor. Eustáquio Duarte, veio na abertura da festa de Cabo Verde, reivindicar para si a honra de ter nascido no arquipélago hesperidano, e em palestra cantilante figurou o trama dos seus cantares regionais. O ilustre advogado Dr. Mário Ferro apresentou perante o Congresso Nacional de Antropologia Colonial um estudo da especialidade que mereceu a maior

(Continua na 3.ª página)

I Exposição Colonial Portuguesa

Movimento do Pósto Sanitário nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro de 1934

INDÍGENAS			PESSOAL DA EXPOSIÇÃO			VISITANTES			TOTAL		
Consultas	Curativos	Injeções	Consultas	Curativos	Injeções	Consultas	Curativos	Injeções	Consultas	Curativos	Injeções
243	2142	557	652	3318	330	614	837	16	1509	6297	903

Total dos serviços prestados 8:709

PÓSTO SANITÁRIO

Aquella casita de madeira, ali, ao pé do Pavilhão de Companhia de Moçambique, o interior pintado a branco, alegre, confortável, conteve, na sua simplicidade modesta, uma das maiores utilidades de Exposição.

Criado para assistência aos naturais das Províncias Ultramarinas, a breve trecho se reconheceu a necessidade dos seus serviços se tornarem extensivos a todos. Assim, visitantes, pessoal da Exposição incluído o dos *Stands* e Concessionários e os naturais das Províncias Ultramarinas, encontraram no Pósto Sanitário, sem encargo algum, o alívio para males, desde as dores de dentes, rapidamente curadas, até a graves casos a que a solicitude do Pósto rápida e carinhosamente acudiu e soucionou.

Mais claro, mais eloquentemente de que as palavras, falam os números. O mapa acima mostra o movimento do Pósto Sanitário que, em 5 meses, prestou 8:709 serviços, sendo: 2:942 a Indígenas; 4:300 a Pessoal da Exposição, dos *Stands* e Concessionários; 1:467 a Visitantes.

O pessoal teve muito trabalho e muita dedicação. Foi incansável, sendo de justiça citar o Dr. Maia Romão, Dr.^a Zulmira dos Santos Pereira, e a Enfermeira-chefe D. Helena Guimarães que, com a ajuda e colaboração da Enfermeira D. Emilia Gomes, do Enfermeiro-militar Alfredo da Conceição, do Enfermeiro-civil Fausto Guimarães e da Amanuense Laurinda Costa, não se pouparam a esforços para que o Pósto Sanitário fôsse o que foi: um colaborador útil e dedicado da Exposição Colonial.



BOBO DO BATUQUE. Prémio de Honra de Escultura da Exposição de Arte Colonial, atribuído a Américo Gomes



MULHER DE BRONZE. Prémio de Honra do Concurso de Fotografias, atribuído a Francisco Oliveira

A Exposição apreciada no Estrangeiro

Continua a imprensa estrangeira a referir-se com as mais lisonjeiras impressões a propósito do Certame.

Ultimamente, referiu-se a *Illustration*, de Paris, num artigo ilustrado e firmado pela distinta escritora madame Morino à Exposição, elogiando a sua notável realização.

Também o *Diário de Cadiz* inseriu uma larga reportagem sobre o Certame, devida ao distinto oficial do Exército espanhol D. Tomaz Garcia Figueras.

Os jornais «Le Midi Colonial» e «Le Sémaphore de Marseille» publicaram elogiosas referências à Exposição Colonial.

A revista «Vida Galega» igualmente no seu número de Agosto insere uma longa reportagem fotográfica da Exposição Colonial.

Após o encerramento do Certame

(Continuação da 1.^a página)

A Exposição encerrou-se oficialmente com o grandioso e brilhantíssimo cortejo alegórico, depois de em mais duzentos dias ter marcado exuberantemente o seu objectivo, projectando-o para todos os espíritos.

Ao contrário do que tem sucedido nos últimos grandes certames internacionais, efectuados com largos recursos em ambientes de movimentada vida cosmopolita, os quais fecharam num declínio reconhecido de interesse e em ausência marcada de público, a Exposição, levada a efeito num meio falho de população flutuante, mediocre de propaganda turística e colonial, encerrou-se com assinalada e entusiástica animação, que excedeu todas as expectativas.

O Certame — um exemplo a apontar aos estrangeiros — fecha em pleno êxito e em pleno desafogo de vida.

Esquecendo contrariedades e afastando para longe obstáculos que surgiram durante o seu curso promovidos por mentalidades inferiores e de critério estreito, o Certame deve constituir um motivo, em especial, de orgulho moral para o Governo, para Henrique Galvão e Mimoso Moreira, organismos económicos portugueses, para todos os portugueses, e ainda para os que desde a primeira hora, vivendo períodos de nervosa incerteza, se bateram por essa iniciativa e lhe dedicaram, febril e sinceramente, todas as suas energias e todas as suas atitudes boas e francas, para o seu vitorioso êxito.

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

ULTRAMAR é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino oficiais e particulares, associações comerciais, agremiações, organismos coloniais, etc.

A Agência Geral das Colónias



A Agência Geral das Colónias montou na Exposição uma das mais curiosas salas, de singela mas artística decoração e equilibrada disposição — demonstrando, com poder didático e simples, a sua organização de serviço. Com os elementos em seu poder foi também possível montar a galeria das indústrias coloniais e muitos dos *stands* oficiais da mesma central foram compostos com os elementos que forneceu, a Agência Geral das Colónias manteve assim a assistência que vem dispensando às exposições internacionais e nacionais desde a sua fundação, prestando pela sua divisão de Propaganda um valioso concurso. Deve-se-lhe também a publicação dum número especial do *Boletim Geral das Colónias*, que é um repositório valioso e das melhores publicações, nesta oportunidade, editadas para comemoração do Certame.

Monografias da Companhia de Moçambique

Da Companhia de Moçambique receberam alguns exemplares das magníficas publicações que distribuiu durante a Exposição.

O *Documentário Fotográfico* salienta, dum forma impressionante e sugestiva, a transformação operada na cidade e no porto da Beira durante o período da administração da Companhia. Há quarenta anos a Beira consistia em meia dúzia de palhotas e algumas barracas de madeira e zinco. O *Documentário Fotográfico* mostra-nos como a minúscula povoação se transformou numa bela cidade, cortada por magníficas artérias, com luxuosas vivendas particulares e grandes estabelecimentos de comércio e indústria.

O *Documentário* apresenta-nos idêntica transformação quanto ao porto da Beira, desde o lançamento da primitiva ponte-cais até à construção dum magnífico porto comercial, dotado da mais moderna aparelhagem.

O Território de Manica e Sofala não se limita, porém, à cidade e porto da Beira. O *Documentário* reproduz aspectos muito curiosos da vida das circunscrições, apare-

cendo frequentemente escolas e hospitais como demonstração do interesse que a Companhia tem merecido as questões de ensino e assistência médica.

As últimas páginas recordam a passagem pelo Território de algumas personalidades ilustres, como sejam a duquesa de Aosta, duques de Connaught, príncipe D. Luis Filipe, príncipe de Gales, Dr. Armando Monteiro e H. Moffat, ministro da Rodésia do Sul. É particularmente interessante uma fotografia tirada em Macequece em 1907, na qual se vê o príncipe D. Luis Filipe acompanhado, entre outras pessoas, por Aires de Ornelas, conde da Ponte, almirante Pinto Basto, Freire de Andrade, D. António da Costa e almirante José Francisco da Silva.

O *Documentário Fotográfico* é completado por uma interessante monografia que apresenta, em síntese bastante elucidativa, o estado de adiantamento do Território nos vários ramos da administração pública e nos seus aspectos económicos.

Os orfeões «El Eco» e «Follas Novas», da Corunha em visita à Exposição

Os afamados grupos orfeônicos «El Eco» e «Follas Novas», da Corunha, visitaram em 23 de Setembro a Exposição, tendo efectuado uma esplêndida audição no Parque do Quis-sange e um festival no teatro Sá da Bandeira, tendo sido destacados com entusiásticos aplausos.

Acompanharam-os os srs. Alfredo Suarez Ferreira, alcaide da Corunha; Angel Campos Varela, alcaide de Vigo; Manuel Saragga Leal e Pestana de Vasconcelos, cônsules respectivamente, na Corunha e Vigo.

O êxito da Exposição Colonial

Sob a presidência do sr. dr. Manuel Fratel, secretário geral do Ministério, reuniu-se, há dias, o Conselho Superior das Colónias, aprovando um voto de congratulação pelo êxito brilhante da I Exposição Colonial.

Cabo Verde na Exposição

(Continuação da 1.^a página)

atenção naquela reunião de cientistas. Além destas, naturais de Cabo Verde que se encontram na metrópole frequentando escolas superiores, vieram à Exposição prestar gostosamente uma cooperação pela sua terra, prestando-se à interpretação dos seus artistas.

As actividades económicas trouxeram, pelos seus mostruários, a demonstração do seu apetrechamento, que mereceu do respectivo júri lisonjeiras recompensas. Mas no que se pôs o maior interesse foi na documentação das possibilidades das Colónias, referenciadas não só com amostras de produtos e artefactos, mas também com dados estatísticos tendentes a comprovar a necessidade de impulsionar o trabalho local adentro dum realização prática, eficiente e urgente.

Como o Governo da Colónia vem realizando uma importante obra de apetrechamento económico, expôs-se o conjunto do plano de realizações, especializando os obras de hidráulica agrícola.

De resto também se curou de demonstrar a obra realizada pela Administração Portuguesa, com larga documentação dos centros urbanos do arquipélago, das belezas panorâmicas, dos portos, estradas comerciais, dos edifícios públicos, das instalações de escolas, hospitais e tantos outros.

A vantajosa posição geográfica do arquipélago igualmente foi focada e não só pelo cartaz de propaganda, como pela *maquette* do Porto Grande de S. Vicente e estatística exposta em grande relevo do movimento dos cabos submarinos e estações rádio-telegráficas, se julgou bem a valia de Cabo Verde como centro de comunicações internacionais e etapa obrigatória de navegação transatlântica.

Da valerosa jornada que foi a Exposição Colonial Portuguesa, Cabo Verde de-certo beneficiará vantajosamente.

Bem merece a Colónia pelo que vale e pelo que exprime e ainda pelo interesse que pôs no certame.

MACHADO SALDANHA.

quim Ramiro: Escola de Artes e Officinas de Moamba — Moçambique; Empresa Industrial Portuguesa — Nova Góia; Bay Anna — Índia; Oliveira Beirão & C.ª Lda — Práia — Cabo Verde; Yan Yan — Macau; Dun Dun — Macau; Si San — Macau; Missão Católica do Dylli; José de Matos — Cabo Verde; Manuel Lopes da Silva Júnior — Cabo Verde; Metal Manufacturing Co. Lda — Macau; Tou Chan — Macau; António do Couto Pinto — Malange — Angola; Hig Cheong — Macau; Empresa da Água do Tomo — S. Vicente — Cabo Verde; Chan Ian Lan — Macau; Tam Mon Lan — Timor; Tat Cheung — Macau; Loi Fong — Macau; Chan Lan Lan — Macau; James Tobaco W. G. G. C.ª; Sociedade Agrícola de Queluz Lda — S. Tomé; Capitão Jorge de Barros — Luanda; Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; Sociedade de Oligoninas de Quissanga. Lda — Congo — Santo António do Zaire; Silva & Silva — Angola; João Lima Gomes — Guiné; «Última Hora», jornal de Luanda; «O Intransigente», jornal de Benguela; «O Jornal de Benguela», de Benguela.

Metrópole:

Maurício de Andrade; Fernando Barbosa & Irmos; Santos & Filhos; Adão Machado & Silva; Joaquim da Costa Oliveira & C.ª; Ramiro Eurico Guimarães; Fábrica de Flação e Tecidos do Campo Alegre; Bosch & Baylina; União dos Botecoires. Lda; Centro Agrícola Industrial. Lda; Alvaro Rodrigues; Ricardo Augusto Pereira; Empresa de Serração e Terras Corantes; Rost & Janus. Suc.ª; Carlos Silva & Barbosa; Companhia Industrial Marmorista; Grandes Armazéns Nascimento; A Universal; Alfredo A. Ribeiro & C.ª Lda; Luis de Azevedo; Electro Central Vulcanizadora. Lda; José Dias Coelho; Sociedade Industrial de Manequins e Artes Decorativas; Fábrica Portuense de Encaerados; «Jornal de Notícias», jornal do Porto; «A Gazeta das Aldeias», revista do Porto; «A Terra», revista científica de Coimbra; «O Estoril», jornal do Estoril; «O Missionário Português», jornal de Cocolães; «A Alma Lusa», jornal do Porto; «A Gazeta dos Caminhos de Ferro», revista de Lisboa.

Medalha de Bronze

Oficiais:

Sociedade Industrial Ultramarina — Guiné; Oficinas Navais da Guiné; Inspeção dos Serviços Económicos de Macau; António Ferreira de Faria; António Cardoso de Meneses — Angola; Francisco da Silva Lobo — Moçambique; A. Rosa Cabral — Moçambique; Armando Coelho da Cruz — Angola.

Metrópole:

M. Alves Ribeiro em Ct.ª; Afonso César de Padua Correia; José Prieto Perez; António Pereira Monteiro.

Informação da Quinzena

A partida da tropa de África

Os Landins e a Banda Regimental de Angola que desde o início da Exposição se encontravam no Porto, onde vieram fazer a guarda de honra à Exposição Colonial, seguiram em 1 do corrente para Lisboa, de onde embarcarão a 13 para a sua origem. Apuramdo grupo de militares, disciplinados e vigorosos, os Landins, descendentes dessa falange de guerreiros negros que na África contribuíram com o seu esforço para a obra de ocupação, foram nesta cidade, durante a sua permanência, muito apreciados. Mas não foi só no Porto que a tropa de África arrancou justos elogios pelo seu garbo e correção. Em Vigo e em várias terras da Província, frases de admiração seguidas de aplausos foram dedicadas à impecável «allure» dos Landins.

A tropa de África saiu de Metralhadoras 3 onde esteve aquartelada, pelas 15 horas e meia, seguida de inúmeros populares que, pelas ruas do percurso até S. Bento, aumentaram extraordinariamente.

No átrio da estação, à passagem da tropa, a multidão irrompeu em aplausos, tentando invadir a estação, tendo de intervir a policia.

A despedida foram muito cumprimentados os srs. capitão Silva Carvalho, comandante; os tenentes Bastos Horta, Augusto Spencer e Francisco Teixeira e o chefe da banda 1.º sargento José Lopes, — oficiais briosos que zrlaram sempre pela compostura e disciplina do contingente militar de Moçambique e Angola.

A aviação homenageando o Ceretame

Vouu no domingo 23 de Setembro pelas 15 horas e meia, a grande altura, sobre o Palácio das Colónias uma formação de oito aviões militares vindos do campo de Espinho, comandados pelo major Maia, em homenagem à Exposição.

No aparelho tripulado pelo major Maia vouu o sr. capitão Henrique Galvão; no do capitão Dias Leite o sr. Mimoso Moreira e no do capitão Oliva Teles o sr. Cláudio Mourão.

O DIA DA GUINÉ — A sua comemoração

O «Dia da Guiné» foi no domingo 23 de Setembro comemorado com grande brilhantismo no recinto da Exposição, encerrando-se, assim a série de homenagens a todos os nossos domínios ultramarinos, promovida pela direcção do certame com o patriótico intuito de estreitar ainda mais os fortes laços que unem os nativos das colónias aos metropolitanos.

Essas comemorações tiveram como principal objectivo prestar homenagem às altas

qualidades de militar, e de patriota do heróico capitão João Teixeira Pinto, o pacificador da Guiné, cuja acção permitiu que a admiração da colónia fosse orientada numa rápida realização de ocupação e apetrechamento.

Pelas 17 horas realizou o microfone do pósto da Rádio-Sonora da Exposição, o sr. tenente-coronel Leite de Magalhães, antigo governador da Guiné, a sua anunciada conferência subordinada ao tema: «A cruz e a espada ao serviço do Império».

Começou por fazer uma resenha histórica da época dos descobrimentos, que transformaram a pequena «Casa lusitana» num vasto império, alongando-se em considerações sobre a alma nacional e a tradição heróica, que julga absolutamente necessárias à vida dos povos.

E, a-propósito, citou autores e factos, para demonstrar que a «mistica ancestral da alma portuguesa» renasceu ao fim de um século com o emasmagado do espirito demagógico, insusceptível de destruir a Fé, «que tanto mais se robustecia quanto mais a maltratavam», quer na metrópole quer no Ultramar.

—Aqueles portugueses que, no século agosto de Quinhentos, se embarcaram para fundar os «Algarves de além-mar», deixaram-nos indicados, em cerca de 16,00 léguas de costas, qual era a sua maneira de construir nações, a fortaleza, a feitoria e a igreja erguiam-se conjuntamente, para nelas se apoiar a formação do Império. Era no prestígio da autoridade, no intercâmbio das produções e na perfeita comunhão das almas que os nossos maiores consubstanciavam as ideias-mestras da nossa dilatação transoceânica. E em toda a parte onde se deu a acção conjugada desses três elementos de ocupação e domínio — a força, o comércio, a religião — al lançou e mergulhou raizes eternas a raça portuguesa. Há um exemplo vivo: o Brasil. O Império Português perdeu-o; mas a raça portuguesa conservou-o. E ainda português pela lingua e pelo espirito. Mas é sobretudo nos domínios do espirito que ele mais se irmana ao nosso Portugal de antanho; na sua moral e na sua fé, ficou o Brasil a ser o guardião devotado e firme das melhores virtudes da alma lusitana. E que, no Brasil, a obra civilizadora da Companhia de Jesus não foi inferior à obra construtiva dos nossos capitães.

E frequente ouvir-se que os nossos homens de antanho foram apenas uns conquistadores ousados. E, quasi deprimidamente, insinua-se que os mares foram devassados numa ambição de rapacidade ou de mercantilismo grosseiro. Assim fala a anti-Nação! Há, porém, no sentido contrário o depoimento eloquentíssimo da mais irrefutável documentação histórica. E o que ela nos diz é que, desde a primeira hora, nós soubemos ser colonizadores sábios e peritos.

«Esta Exposição Colonial é todo o nosso passado que se recorda — onde se tornam

resplandecentes as glórias e as virtudes da nossa grei, dando-nos a certeza de que o ideal lusitão já revive e de que será definitiva a vitória dos nossos Mortos...

«Ocupa-se-se, em seguida, da comemoração do dia da Guiné, fazendo o elogio caloroso do capitão Teixeira Pinto — o bravo soldado, chamado o «Pacificador da Guiné».

Relembra a sua acção e as campanhas que encheram de glória o seu nome e cita o nome de Mamado Sissé, dedicado e intemerato companheiro de Teixeira Pinto em todas as campanhas da pacificação da colónia, que ganhou em combate os seus galões de alferes e de tenente de 2.ª linha e que faz hoje parte da «embaixada genética» enviada pela Guiné à Exposição Colonial.

Terminada a conferência do sr. tenente-coronel Leite de Magalhães, realizou-se na praça do Império uma imponente cerimónia, durante a qual foi prestada homenagem às qualidades de colonizadores dos portugueses.

Junto do monumento ao esforço colonizador formaram as representações étnicas de todas as colónias. Assistiram os srs. Mimoso Moreira, tenente-coronel Leite de Magalhães, funcionários superiores do certame e muito povo.

O régulo da Guiné Mamado Sissé descerrou, então uma lápide colocada na base do monumento, comemorativa da homenagem.

A assistência aplaudiu calorosamente, sendo erguidos «vivas» a Portugal.

Nas aldeias da Guiné houve, à noite, grandes festivais gentílicos, com batucos e danças, que foram muito apreciados pelos visitantes.

Na praça do Império, realizou-se, ainda, em homenagem à Guiné, uma ginkana pelos indígenas daquela colónia.

— Foi profusamente distribuída uma artística «plaquete» de homenagem ao capitão João Teixeira Pinto.

Sessão solene e baile em honra dos srs. Expositores

Em 27 de Setembro, a Comissão Organizadora da Exposição efectuou no salão de festas do Palácio das Colónias uma sessão solene para a distribuição de prémios aos expositores classificados, oferecendo-lhes em sua honra um baile, que decorreu com animação e todo o luzimento.

O movimento de veículos

Para se avaliar do enorme movimento na cidade, durante o último dia da Exposição Colonial, bastará dizer que, desde as 8 horas da manhã de domingo às 8 horas da manhã de segunda-feira, nas barreiras da cidade entraram: 3:350 automóveis e 465 camionetas; e saíram 3:025 autos e 453 camionetas.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A OURIVESARIA ALIANÇA,

que pela sua imponência e imenso sortido, preços sem competência e ainda pelas suas oficinas próprias, marca entre os grandes estabelecimentos.

Edições da Exposição Colonial Portuguesa

Plaquettes — MacMahon, José Celestino da Silva, Silvanor Correia, João Maria de Sousa e Almeida, João da Silva Telo de Meneses, Roberto Duarte Silva e João Teixeira Pinto.
Conferências — Capitão Henrique Galvão — A Função Colonial de Portugal, a razão de ser da nacionalidade; dr. António Barradas — O Dia de Moçambique; José F. Ferreira Martins — A Restauração e Aclamação de D. Pedro IV na cidade dos Vice-Reis da Índia, em 11 de Setembro de 1641; dr. A. Magalhães Basto — Res Non Verba... A Restauração missionária nas Colónias Portuguesas; Machado Saldanha — A evolução e o apetrechamento económico de Cabo Verde; D. João Evangelista de Lima Vidal — A acção Missionária de João de Azevedo Coutinho — Valor e eficácia patriótica das missões Católicas; D. Maria Ermelinda da S.ª Stuartes Gomes — A mulher indiana; Júlio

SOUSA CRUZ & C.ª, L.ª

BANQUEIROS

13, Praça da Liberdade, 14 — PORTO

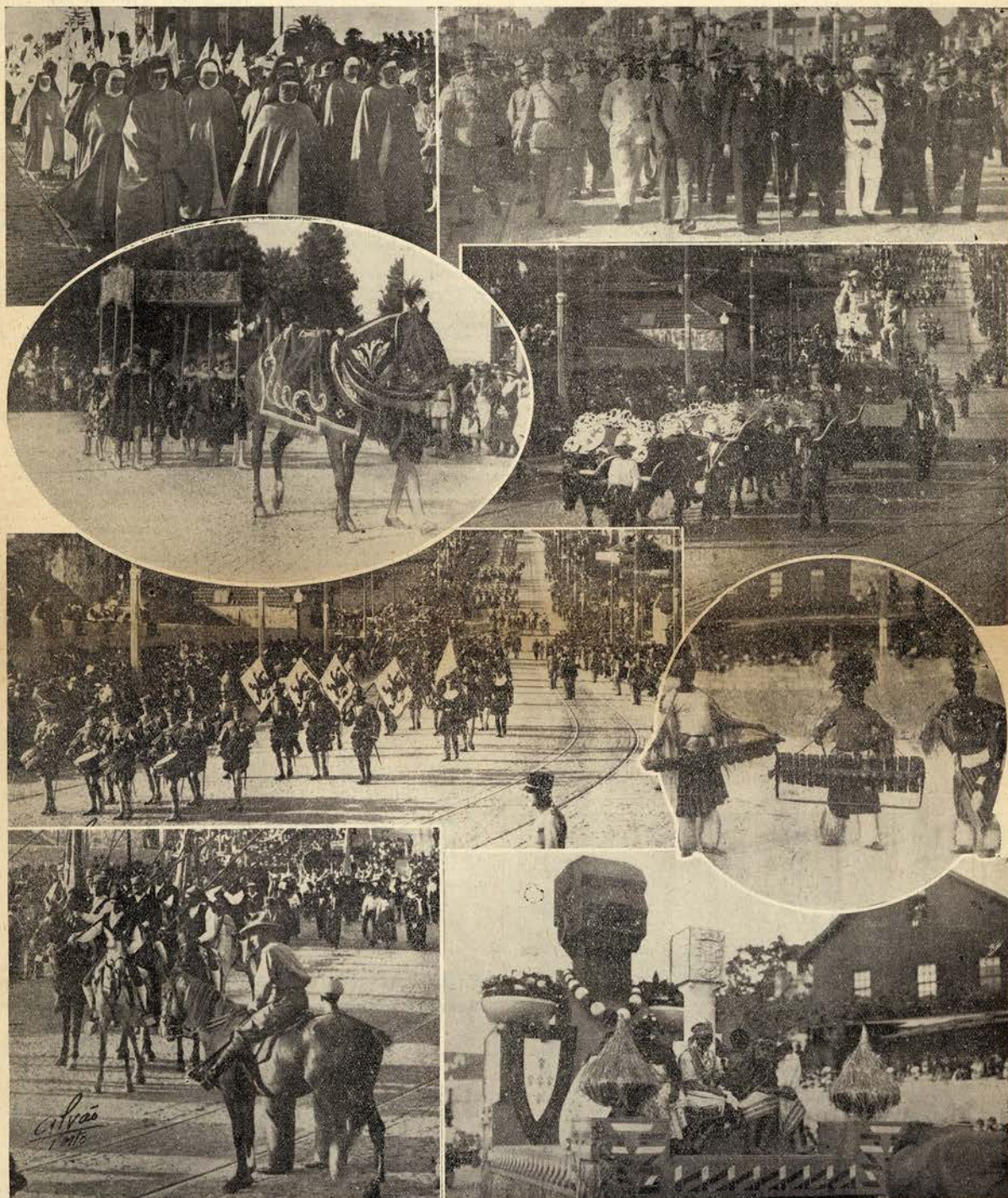
Effectuam todas as operações bancárias Serviço especial de sobretaxas de exportação

Filial em Matosinhos — RUA BRITO CAPELO, 262

Delegação Central da Companhia de Seguros GARANTIA

Garcês da Lancaster — Timor-Padrão do Império; General João de Almeida — A cooperação dos nativos na expansão da defesa do Império; dr. Manuel Martins — Ceuta; Fausto Duarte — Da liberdade Colonial e da morte de Cabo Verde; dr. Artur de Almeida de Eça — A restauração de Angola e a manutenção da reconquista; tenente-coronel Leite de Magalhães — A cruz e a espada ao serviço do Império; Engenheiro Gomes da Fonseca — O Porto Grande de S. Vicente; General Norton de Matos — A acção civilizadora do Exército Português no Ultramar; dr. Fernando Pires de Lima — Para uma nova consciência Imperial; dr. Agostinho de Campos — O Império e a Educação; Capitão Rogério Ferreira — Os portugueses na China e a fundação de Macau.
Catálogos — das Exposições de Arte Colonial e de Fotografia Colonial. Além destes, também foram publicadas pela Exposição as seguintes obras: Angola Intangível, pelo tenente-coronel Almeida Teixeira; Descobridores portugueses, por Edgar Prestage, versão do capitão Francisco C. Baptista e Etnografia Angolana, por Fernando Mouta.

O grandioso cortejo alegórico efectuado no Pôrto para encerramento da I Exposição Colonial Portuguesa



Vários aspectos dessa notável jornada de fé e vibração patrióticas. — Em cima, Irmãs Missionárias e Combatentes das campanhas das Colónias. — A seguir, D. João de Castro conduzido sob o pálido e o carro da cidade do Pôrto. — A frente do cortejo com figuração histórica. — No disco, Tocadores de marimbas. — Campinos do Ribatejo, junto do sr. capitão Henrique Galvão, que concebeu, organizou e dirigiu o cortejo. — O carro dedicado à Província de Angola.

(Fotos ALVÃO)